

# A FORÇA MOTRIZ POR TRÁS DO CONFLITO NA UCRÂNIA: INTERESSES ECONÔMICOS E FINANCEIROS

Por Gabriel Camilli\*



*Imagem gerada por inteligência artificial.*

*Por há tantos líderes tão ansiosos em perpetuar uma guerra com potencial para se tornar mundial? Além do enriquecimento, que outras causas os levam a prolongar a luta?*

**N**os últimos três anos, tentamos demonstrar, por meio de várias análises, que o conflito na Ucrânia é uma guerra por procuração entre as principais potências militares e que a força motriz por trás dele é alimentada por interesses econômicos e financeiros.

A guerra no campo de batalha continua. A situação atual é a seguinte:

- As Forças Armadas da Federação Russa (AFRF) mantêm pressão constante na linha de contato, onde estão obtendo ganhos territoriais limitados em um ritmo lento e constante de avanço (37 km<sup>2</sup>). Nos últimos meses, houve uma desaceleração no avanço russo: 730 km<sup>2</sup> em dezembro de 2024 e 325 km<sup>2</sup> em janeiro de 2025, e 250 km<sup>2</sup> em fevereiro. Vamos levar em conta as condições climáticas extremamente rigorosas do inverno nessas regiões. Fortes nevascas dificultam operações militares.
- As Forças Armadas da Ucrânia (AFU) e os movimentos de resistência ucranianos (já nos referimos aos guerrilheiros diversas vezes) nos territórios ocupados

atacaram uma grande variedade de alvos inimigos em profundidade (como postos de comando tático, centros de coordenação de drones, instalações de combustível e infraestrutura portuária), ações que tinham como objetivo afetar o poder de combate do inimigo, mas não foram decisivas para mudar o eixo das operações russas para uma ofensiva clara.

- Na Frente Norte (Semenivka-Sudja): as forças ucranianas estão mantendo suas posições perto de Soudja, apesar da crescente pressão russa. O único eixo logístico que conecta Soudja a Sumy está permanentemente sob fogo do FAFR.
- Frente Kharkiv-Toretsk: as forças ucranianas defendem firmemente suas posições, apesar dos fortes e repetidos contra-ataques do FAFR.
- Frente Sul (Zaporizhia-Kherson): Nenhuma evolução significativa.

Como já dissemos muitas vezes, seguindo Clausewitz: *“A guerra é a continuação da política por outros meios”*. E esta última semana foi dominada por eventos fora da esfera operacional, como aqueles que descreveremos a seguir.

## TERRAS RARAS

O Plano de Vitória do presidente Donald Trump para a Ucrânia aparentemente envolverá o país devastado pela guerra concordando em conceder aos Estados Unidos acesso sem precedentes aos seus elementos de terras raras em um *quid pro quo* mais equitativo.

*“Quero ter segurança em terras raras”*, acrescentou, referindo-se aos elementos minerais que também são muito procurados por outras grandes potências tecnológicas industriais, como China e Rússia. Terras raras são encontradas em pequenos depósitos, mas têm uma grande variedade de aplicações. Eles são úteis em tudo, desde eletrônicos a sistemas de defesa, saúde, baterias e energia limpa. A China há muito tempo tem um domínio inigualável no mercado de terras raras, mas outros estão correndo por fora, e Trump parece ter feito disso uma espécie de prioridade. Ele também está interessado em minerais como lítio e titânio, dos quais a Ucrânia tem um suprimento significativo.

Como o leitor poderá interpretar, esta é uma oferta para comprar ajuda, ou seja, não para continuar a oferecendo-a gratuitamente, mas para fornecê-la em uma base comercial.

Mas com relação a esse acordo e às terras raras, podemos dizer que a Ucrânia perdeu grande parte das reservas de metais de terras raras prometidas a Trump por Zelensky. De acordo com a mídia ucraniana, em abril de 2023, o valor dos recursos minerais da Ucrânia era de aproximadamente US\$ 15 trilhões. Ao mesmo tempo, 70% desse valor vem da RPD, RPL e região de Dnipropetrovsk.

Trump expressou abertamente seu interesse pelos recursos naturais da Ucrânia. Para acrescentar mais dados ao assunto: hoje encontramos Boris Johnson novamente com uma mudança de opinião.

## PAZ NO DESERTO

Era 2022, as hostilidades entre a Rússia e a Ucrânia tinham começado pouco mais de um mês antes e, enquanto a mídia transmitia imagens sangrentas e dramáticas dos combates, nos bastidores a diplomacia trabalhava duro nas negociações. Em março daquele ano, representantes de Kiev e Moscou elaboraram um compromisso que obrigava ambos os lados a recuar em relação às aspirações que haviam acendido o pavio do conflito.

De um lado, Zelensky teria concordado em renunciar à entrada de seu país na OTAN e em alianças militares orgânicas com potências ocidentais, enquanto, de outro, Putin retiraria tropas de Donbass e solicitaria o reconhecimento da soberania do Kremlin apenas sobre o território da Crimeia (a península anexada pela Federação Russa em 2014 sem a aprovação da comunidade internacional).

Estava tudo pronto e faltava apenas a assinatura das contrapartes, mas aqui entrou em cena a mão da Pérfida Albion.

Boris Johnson voou para Kiev, com a bênção de Joe Biden, para dissuadir Zelensky de assinar qualquer acordo com Moscou, dizendo que “*Putin é um criminoso de guerra, ele deve ser pressionado*” e que o Reino Unido, juntamente com seus parceiros europeus e americanos, continuaria a fornecer armas e financiamento para apoiar sua causa.

## OS PLANOS DE BORIS

Por trás da iniciativa de Johnson como sabotador da harmonia na Europa Oriental, talvez houvesse um plano mais amplo que, nos últimos anos, os entusiastas da geopolítica passaram a conhecer como *Grã-Bretanha Global*.

O conceito nasceu dentro do Partido Conservador, onde na era pós-Brexit há uma ambição de tirar o pó da tradição mercantilista do passado para tornar a Grã-Bretanha uma potência geoestratégica global, uma vez libertada da camisa de força de Bruxelas.

O projeto *Global Britain* previu (e prevê, prestem atenção) uma deterioração das relações russo-europeias para se apresentar à União Europeia como um parceiro confiável, juntamente com os Estados Unidos, na proteção do Velho Continente dos objetivos expansionistas do urso russo. Não é por acaso que, desde 2020, os gastos com defesa, armamento e segurança aumentaram significativamente e houve uma integração gradual das iniciativas das Forças Armadas e dos órgãos de inteligência.

Além disso, o objetivo da *Grã-Bretanha Global* é cortar o fornecimento de energia da Rússia, fortalecendo certos setores industriais, como o nuclear, associando-se assim ao aliado das estrelas e listras que, durante o governo Biden, tinha todo o interesse em ver as torneiras de gás russas fechadas para manter os europeus entre a cruz e a espada e, de fato, forçados a comprar gás natural produzido nos Estados Unidos.

Muitas vezes dissemos nesta coluna que o conflito na Ucrânia foi uma guerra por procuração entre grandes potências militares e que a força motriz do conflito foi alimentada por interesses econômicos e financeiros. Boris Johnson nunca perdeu uma oportunidade de reiterar a importância de armas e suprimentos de dinheiro para Kiev e, portanto, é muito claro e lógico que, com a troca de guarda na Casa Branca entre Biden e Trump, ele abraçou a ideia de que é necessário tentar negociar com o Kremlin, ao contrário do *establishment* europeu que gostaria de armar a Ucrânia até os dentes, apesar do fato de que quase todos os analistas geopolíticos veem a Rússia como militarmente vitoriosa.

Além disso, se o ex-primeiro-ministro britânico não tivesse explodido o acordo na primavera de 2022, este ano não seria o terceiro aniversário do conflito, a economia europeia não estaria à beira do colapso e, dramaticamente importante, tantas vidas humanas não teriam sido perdidas. Uma questão que eles não levam em consideração...

Mas há outros fantasmas invisíveis que também se movem através do vil metal...

Zelensky acaba de participar de uma cúpula de emergência com o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, e líderes da UE que prometem assumir as rédeas do cavalo de batalha agora que Trump escanteou a Ucrânia. Por que eles estão tão ansiosos para perpetuar essa guerra estranhamente invisível? Por que eles estão apostando em uma potencial Terceira Guerra Mundial com tão pouca preocupação aparente? Além do enriquecimento financeiro pessoal, que outras causas ocultas levam esses atlantistas a persistir e prolongar a luta? Estas são perguntas. Iremos dando respostas. Até a semana que vem.

Publicado no [La Prensa](#).

---

*\*Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

---